



O caminho para a saída do euro

As actuais dificuldades da zona euro não são nenhuma surpresa. É verdade que as instituições que foram criadas pelo Tratado de Maastricht para governarem a união monetária foram mal concebidas e mal geridas.

Também é verdade que desde 2007 o mundo ocidental está submerso num pesadelo financeiro que causa uma agitação económica duradoura. Mas o verdadeiro problema da zona euro é que, nas actuais circunstâncias, uma só moeda não é um projecto viável para a Europa. A diversidade das economias e dos sectores públicos por toda a Europa são razões suficientes para explicar o falhanço do euro como moeda única (ou supostamente única).

DUAS PSEUDO-ALTERNATIVAS

Supondo uma geometria inalterada da zona do euro, é possível prever duas alternativas para o futuro. Uma é a alternativa federalista que pode ser colocada simplesmente do seguinte modo: “se o euro não funciona é porque a União não possui instituições políticas suficientemente sólidas para governar a união monetária. Uma vez que uma moeda ne-



POR
João Ferreira do Amaral

Professor catedrático do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa

cessita de instituições de tipo estatal para ser gerida, vamos criar essas instituições na Europa, ou seja, uma espécie de estado europeu com um orçamento significativo, que decide sobre os impostos que os europeus têm de pagar, que gere o sector bancário europeu, etc.”

Pessoalmente oponho-me às ideias federalistas.

A minha ideia de União Europeia é a de uma organização política que ajuda os seus estados membros (soberanos) a cumprirem as suas tarefas enquanto estados soberanos num mundo global e não, tal como defende o conceito federalista, uma organização criada para substituir estados nacionais.

Relativamente às questões mone-

tárias a distinção dos dois conceitos é bastante óbvia. O meu conceito é a favor de uma colaboração monetária baseada em moedas nacionais (como, por exemplo, no caso da colaboração baseada no Mecanismo de Taxas de Câmbio II que rege as relações monetárias entre a zona euro e os outros estados membros). O conceito federalista que preconiza que a integração europeia se deve realizar através da amputação dos poderes dos estados nacionais é uma das ideias políticas mais irracionais e perigosas da segunda metade do século XX. Pura e simplesmente não é exequível em termos políticos. Mas pode causar danos tremendos na Europa, incluindo episódios de violência mais ou menos sérios e generalizados.

A segunda alternativa é proceder a algumas reformas superficiais das instituições europeias e esperar que o euro funcione melhor. O eventual resultado será provavelmente o de uma Europa dividida com um centro próspero baseado em economias nacionais competitivas a exercer um domínio financeiro severo sobre uma periferia arruinada, escassamente habitada por um “proletariado externo” que fornece uma reserva de mão-de-obra ao centro.

A ALTERNATIVA RACIONAL

A alternativa racional é reconhecer que o euro, como moeda única (mas não necessariamente como uma moeda europeia), é um projecto que está condenado a falhar e que a evolução dos últimos catorze anos confirma todos os (muitos) argumentos contra uma moeda única europeia.

Por isso a abordagem racional é a de apoiar os membros da zona euro que não podem prosperar com uma moeda tão forte a deixarem o euro. Isto é algo que deveria ter sido considerado no tratado de Maastricht. Não foi esse o caso. Mas não há nada contra a hipótese de se estabelecer um caminho pragmático e controlado para que um estado membro possa deixar o euro. Portugal é um dos países que iria sem dúvida beneficiar de tal processo.

Provavelmente o estabelecimento de um caminho seguro para que alguns países possam sair do euro seja uma condição necessária para a futura existência da União Europeia. ■

“Não há nada contra a hipótese de se estabelecer um caminho pragmático e controlado para que um estado membro possa deixar o euro

